

A HISTÓRIA REGIONAL ATRAVÉS DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO TIRO DE GUERRA 239¹/SANTA CLARA DO SUL/RS

Marcele Bald²

Neli Teresinha Galarce Machado³

Resumo: O Tiro de Guerra 239 foi uma das sociedades de tiro mais organizadas do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Seu funcionamento ocorreu entre os anos de 1918 e 1945, exercendo grande influência na vida militar e social na localidade de Santa Clara do Sul, na época, Segundo Distrito do município de Lajeado. No âmbito nacional, os Tiros de Guerra tiveram importância essencial na implantação do serviço militar obrigatório. Em Santa Clara do Sul, suas funções consistiam no treinamento para reserva do Exército, intervenção nos problemas locais, participação ativa na comunidade, manutenção da moral e da ordem bem como o desempenho de tarefas sociais. Partindo da coleção de fotografias do acervo do Museu Memorial Santa-clarense, pretende-se que a pesquisa seja um meio, não só de resgate da história através da memória, mas de conscientização da preservação desse tipo de fonte, uma vez que se trata também de patrimônio histórico e cultural.

Palavras-chave: Tiro de Guerra. Exército Brasileiro. Fotografia. Memória. História.

1 INTRODUÇÃO

Utilizando como fonte histórica o acervo de fotografias do Museu Memorial Santa-clarense, este artigo apresenta uma análise do surgimento do serviço militar obrigatório no Brasil e da atuação dos Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como ponto de partida o acervo de imagens do Tiro de Guerra 239, que funcionou na localidade de Santa Clara, 2º Distrito do município de Lajeado, até 1945. Estas fontes nos permitem estudar a importância militar dos Tiros de Guerra, sua função social na comunidade e o contexto nacional que condicionou sua criação e funcionamento.

2 SANTA CLARA DO SUL E A SOCIEDADE CENTRO DE RESERVISTAS

Nos dias atuais, o Clube Centro de Reservistas de Santa Clara do Sul, interior do Rio Grande do Sul, é um local para festas e encontros sociais, bastante frequentado pelos munícipes e demais

¹ Esta pesquisa foi realizada na disciplina Estágio Supervisionado em Acervos do curso de História, em 2008. Agradecimento especial à Comunidade de Santa Clara do Sul, que gentilmente colaborou com informações sobre o tema.

² Aluna do curso de História do Centro Universitário Univates. marcelebald@universo.univates.br

³ Professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates, orientadora da pesquisa. Doutora em Arqueologia. ngalarce@univates.br

pessoas da região. O que poucos sabem é que a antiga “Sociedade Centro de Reservistas”, já destruída por intempéries do tempo, reconstruída e reformada ao longo dos anos, foi sede de um dos mais organizados clubes militares de tiro do estado, o Tiro de Guerra 239.

Esquecido pela maioria, este período da história de Santa Clara do Sul permanece vivo apenas nas lembranças dos antigos moradores que vivenciaram a época ou participaram do Tiro. A memória do período insiste em resistir ao tempo, também, através das poucas fotografias existentes no museu Memorial Santa-clarense. Após o forte temporal ocorrido no ano de 1967, grande parte dos documentos do arquivo do Tiro de Guerra se perdeu com a destruição da antiga Sociedade centro de Reservistas, fato lastimável para a memória histórica do município.

A recuperação e valorização da memória, aqui, adquirem extrema importância, e deve ser trabalhada para que se possa transformá-la em história:

As lembranças, constituídas nas relações sociais, são mantidas nos diversos grupos de referência e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer, da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência histórica. Ao acabar a memória, começa a história para salvar as lembranças através da fixação por escrito ([FÉLIX, 1998, p. 42](#)).

O Tiro de Guerra 239 foi uma das sociedades de tiro mais organizadas do interior do Estado, cujo funcionamento ocorreu entre os anos de 1918 a 1945, exercendo grande influência na vida militar e social na localidade de Santa Clara do Sul. As fontes históricas para este trabalho foram as fotografias do Tiro de Guerra 239, retiradas do Álbum Jubilar em comemoração ao Centenário Santa-clarense, que faz parte do acervo do Museu Memorial Santa-clarense.

3 O HISTÓRICO DO TIRO DE GUERRA

As origens do Tiro de Guerra no Brasil remontam de uma República recém proclamada, um período de ampla movimentação política e econômica no país. Segundo [Carone](#) (1989, p. 282), os conflitos e revoltas regionais, como também questões diplomáticas, levaram a necessidade de um maior engajamento e qualidade de preparo do Exército Brasileiro. Percebeu-se a necessidade de aprimoramento dos soldados que, até então, eram feitos no exterior. Também havia a necessidade de uma reserva de soldados treinados para eventuais conflitos.

A falta de um sentimento patriótico, além de enfraquecer o exército, acirrava as disputas regionais. A participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial também foi um fato determinante para mudanças no Exército. Entretanto, estas começarão no ano de 1906, quando é apresentado o projeto de lei que estabelece o serviço militar obrigatório. No mesmo período, durante o governo de Augusto Moreira Pena, pelo Decreto legislativo nº 1.503, de 05/09/1906, foi estabelecido o Tiro de Guerra, regulamentado pelo Ministério da Guerra, em 05/02/1907. O Congresso nacional aprova a Lei da Confederação do Tiro Brasileiro, cuja sede se estabelece em Rio Grande (RS). Em 1908 o projeto do serviço militar obrigatório torna-se lei. No Distrito Federal reúnem-se 10 Clubes de Tiro, sendo formado um Corpo de Atiradores, constituindo assim a primeira Reserva organizada do Exército Brasileiro. Sobre isto:

A questão diplomática do território do Acre (1903-1904), as penosas operações no Contestado (1912-1916), o apoio da Liga de Defesa Nacional (fundada em 1916), o reconhecimento, pelo Brasil, do estado de guerra contra a Alemanha (outubro de 1917) e, principalmente, a ativa campanha cívica, abrangendo todo o território nacional, chefiada patrioticamente pelo poeta Olavo Bilac, em 1915 e 1916, contribuíram decisivamente para a participação de toda a sociedade no serviço militar obrigatório [...]. ([SENA, 2000, p. 117](#)).

É importante ressaltar que o sentimento patriótico era amplamente defendido por muitos intelectuais, principalmente por Olavo Bilac, poeta e escritor que acabou desempenhando um papel importante na campanha cívica por todo o país. No governo de Getúlio Vargas, Olavo Bilac será nomeado patrono do Exército Brasileiro.

Os clubes de Tiro exercitavam-se, geralmente, aos domingos. Os atiradores arcavam com a própria munição e uniformes. Inicialmente eram instituições elitistas e conservadoras, com seleção criteriosa de seus recrutas, sendo por isso duramente criticadas por alguns líderes políticos. Mais tarde, os Tiros passam a receber o apoio da crescente classe média, voltando a ter o intuito de solucionar o problema da mobilização popular⁴.

No Rio Grande do Sul, os Tiros de Guerra foram instalados por volta de 1916, encontrando palco perfeito durante o governo de Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos, que manteve o castilhismo, política conservadora baseada nas idéias positivistas de seu antecessor. A instauração do Tiro de Guerra e do serviço militar obrigatório foi bem aceita pela população do estado, sobretudo pelos republicanos. Desde a época colonial, apenas o Estado do Rio Grande do Sul vinha mantendo um relativo engajamento de seu exército, devido às muitas lutas já ocorridas em suas fronteiras:

O espírito militar é um sentimento de fundo eminentemente associativo. A camaradagem, a fraternidade, o gosto de afrontar o perigo em comum, a honra de morrer pelo bem de todos e pela integridade da terra, dão bem depressa ao indivíduo a concepção dessa entidade espiritual que é a Pátria [...] ([GOULART, 1985, p. 128](#)).

No interior do Rio Grande do Sul, no entanto, demoraram anos para que os Tiros de Guerra e as Escolas de Instrução Militar fossem instalados. Ali elas se faziam necessárias tanto para a manutenção da moral e da ordem, como para evitar o êxodo rural, uma vez que a urbanização e a industrialização crescem nesse período.

Um dos primeiros Tiros de Guerra do interior foi o de Santa Clara do Sul, na época, segundo Distrito de Lajeado, instalado em 1918. “O maior e mais bem organizado do interior do Estado. Houve turmas de 130 recrutas” ([TRÄSEL, 1969, p. 55](#)). O primeiro instrutor de tiro foi o Tenente Airton Plaisant, sendo substituído no ano seguinte pelo Sargento Darci Feijó. As funções do Tiro de Guerra em Santa Clara do Sul consistiam no treinamento para reserva do Exército, intervenção nos problemas locais, participação ativa na comunidade, manutenção da moral e da ordem bem como o desempenho de tarefas sociais.

⁴ Informação verbal do Sr. Lauro Anschau, que participou do Tiro de Guerra 239 de Santa Clara em 1943, quando os recrutas eram preparados para a Segunda Guerra Mundial. O relato do Sr. Lauro foi feito em setembro de 2008. Hoje, aos 92 anos, ele reside ainda no município de Santa Clara do Sul.

1. Primeira turma de reservistas fundadores do Tiro de Guerra 239 de Santa Clara.



Fonte: [TRÄSEL, \(1969, p. 55\).](#)

O Tiro de Guerra era parte fundamental da educação dos jovens rapazes. Na imagem 1 podemos observar vinte e nove recrutas fardados com seus fuzis. A fotografia foi tirada em uma das laterais da sede do Tiro de Guerra 239, em seu ano de fundação, 1918.

Os Tiros de Guerra eram dirigidos pelos cidadãos mais ilustres da própria localidade. Mas era comum que os instrutores de tiro viessem da capital do Estado. As imagens 2 e 3 mostram as primeiras diretorias e instrutores de tiro do quartel da vila de Santa Clara.

2. Primeira Diretoria do Tiro de Guerra 239. Na fotografia aparecem fardados Deodato Borges de Oliveira, João Arenhart e o instrutor de tiro Tenente Airton Plaisant.



Fonte: [TRÄSEL, \(1969, p. 55\).](#)

3. Segunda Diretoria do Tiro de Guerra 239. Da esquerda para a direita, em pé, estão: Germano Schneider, Jacob Schnorr, Leopoldo Gorgen, João Borgmann e Edgar Fischer. Sentados na mesma ordem estão: José Francisco Allgayer, Otto Gabriel Diel, Tenente Airton Plaisant, Deodato Borges de Oliveira, João Adolfo Arenhart e Jacob Scheid Sobrinho



Fonte: [TRÄSEL, \(1969, p. 55\).](#)

O Tiro de Guerra 239 manteve seu funcionamento ininterrupto até o ano de 1945, quando é extinto. O quartel, em 21 de janeiro de 1956, foi transformado em sede social da Sociedade Centro de Reservistas do Tiro de Guerra 239, cujo estatuto fora publicado no Diário Oficial em março do mesmo ano. Em 1960, o antigo salão foi demolido, e a Sociedade foi novamente construída em frente à praça central, com espaçoso salão de festas. Em 1967, ocorreu um forte temporal que destruiu o novo salão, como nos mostra a imagem 4, e assim se perdeu também o arquivo do Tiro de Guerra que ali estava guardado.

O novo salão de alvenaria, cuja pedra angular foi lançada a 18 de setembro de 1960, não resistiu ao pavoroso tufão que assolou a 1º de setembro de 1967, a vila de Santa Clara do Sul e a cidade de Lajeado. Perdeu-se assim, lamentavelmente o precioso arquivo do Tiro de Guerra 239, bem como da Sociedade. Atualmente, o salão está sendo reconstruído, devendo estar completamente pronto até os festejos centenários ([TRÄSEL, 1969, p. 56\).](#)

4. Vista do salão de festas, antigo Quartel do Tiro de Guerra, destruído pelo tufão ocorrido no dia 1º de setembro de 1967.



Fonte: [TRÄSEL, \(1969, p. 55\).](#)

4 VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL

Partindo da coleção de fotografias do acervo do Museu Memorial Santa-clarense, esta pesquisa visa a utilizar o elemento “imagem” como fonte de pesquisa histórica, uma vez que esta, como documento, é uma representação das vivências, da realidade, do cotidiano de homens e mulheres de uma determinada época:

Em função do que foi colocado consideramos a fotografia, antes de mais nada, como uma *representação a partir do real*. Entretanto, em função da materialidade do registro, no qual se tem gravado na superfície fotossensível o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos, também, como um *documento do real*, uma fonte histórica ([KOSSOY, 2002, p. 31](#)).

Assim, a fotografia, como elemento revelador do indivíduo que a produziu em determinado momento histórico, abre uma ampla gama de possibilidades de pesquisa, principalmente no que se refere à problematização desse tipo de fonte. A imagem não revela apenas a figura congelada, mas uma série de significações de seu tempo, que podem ser interpretadas das mais diversas formas pelo olhar do pesquisador.

A complexidade do real abre para o pesquisador um campo muito vasto de possibilidades de investigação. [...] o pesquisador, pensando assim a história, se depara com o desconhecido e o inesperado, por isso o instrumental com que vai trabalhar ajuda-o muito mais a perguntar do que a responder ([VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2002, p. 9](#)).

Sobre a pesquisa através de fontes fotográficas, [Kossoy](#) (2003, p. 32) afirma:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por conseqüência, da realidade que os originou.

As fontes fotográficas constituem também outro elemento importante para a pesquisa histórica: a memória. A fotografia torna-se a linguagem da memória, onde fatos, imagens e identidades do passado se reconstróem, enriquecendo-se como objeto de investigação. A busca de identidades através da memória é uma das necessidades fundamentais da sociedade humana até hoje. Nesse sentido, o historiador tem o papel de recuperar essas memórias, transformando-as em história.

A memória por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social. A história, ao contrário, dessacraliza a memória, constituindo-se tão só em representação do passado (FÉLIX, 1998, p. 43).

Por fim, pretende-se que a pesquisa baseada na fotografia seja um meio, não só de resgate da história através da memória, mas de conscientização da preservação desse tipo de fonte, uma vez que se trata também de patrimônio histórico e cultural.

5 CONCLUSÃO

A partir dos estudos sobre o Tiro de Guerra 239 da antiga localidade de Santa Clara, é possível resgatar o passado militar do Estado e do país, bem como os fatores históricos que lhes deram origem. O acervo fotográfico do Museu Memorial Santa-clarense, fonte fundamental para esta pesquisa, nos permite visualizar aspectos particulares do funcionamento do Tiro de Guerra 239, e através desta análise, podemos concluir que os Tiros de Guerra, em seu contexto geral, tinham importante função política e social nas comunidades. Os quartéis de Tiro iniciaram em 1906 como instituições elitistas, popularizando-se nos anos seguintes, instalando-se em áreas rurais e permitindo acesso aos jovens do interior. O surgimento dos Tiros de Guerra foi motivado pelas inúmeras revoltas regionais acontecidas após a Proclamação da República, momento em que o Exército Nacional encontrava-se despreparado e desmotivado. Sendo assim, tornaram-se símbolo de devoção e obediência à pátria, ideologia amplamente difundida pelo poeta Olavo Bilac.

No interior, o Tiro de Guerra garantia a manutenção da “ordem e da moral”, e consistia parte importante da formação dos jovens. Ali, a devoção à pátria se misturava ao comprometimento com a comunidade.

REFERÊNCIAS

CARONE, Edgard. **Revoluções no Brasil Contemporâneo 1922 – 1938**. São Paulo: Ática, 1989. ¹

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

¹ ²

GOULART, Jorge Sales. **A Formação do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985

[1](#)

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editora, 2003. [1](#)

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editora, 2002. [1](#)

SENA, Davis Ribeiro de. **Exército Brasileiro: ontem, hoje e sempre**. São Paulo: EGGCF, 2000. [1](#)

TRÄSEL, Padre Alberto. **Álbum Jubilar de Santa Clara do Sul**. Jornal da Comemoração do Centenário Santa-clarense. [S.l.]. Impresso, 1969. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#)

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. [1](#)